

Quando a desfaçatez histórica incide sobre o texto ficcional: a denúncia das experimentações-limite expressa sob a forma literária

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm¹(UNIPAMPA)

Resumo:

A comunicação apresenta alguns dos resultados da pesquisa que redundou na Tese de Doutorado intitulada “Quando a mulher se inscreve em meio à guerra: contributos da voz autoral feminina na representação ficcional das guerras coloniais portuguesas” (PUCRS, 2006). A atenção volta-se especialmente para a discussão do papel desempenhado pela produção literária com base na temática do enfrentamento colonial. Tratar-se-á do modo como a crítica sobre opções ideológicas e políticas é parte estruturante e componente dos textos ficcionais, aproximando-os da historiografia, seja para ajudar a compô-la, seja para uma reposição de fatos que se faz necessária, especialmente do ponto de vista das vivências circunstanciais femininas. Portanto, é da crítica enquanto exercício hermenêutico sobre a historicidade humana, que escolhe o campo literário para se manifestar, que a comunicação versará.

Palavras-chave: História, Ficção, Gênero, Guerra Colonial, Experimentações-Limite.

Berthold Zilly, ao dissertar sobre a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha,² afirmou que há três grandes temas com os quais os textos literários estariam desde sempre imbricados: as guerras, as relações de amor/amizade e as relações do homem com Deus. Toda uma tradição canônica no que se refere à literatura ocidental, e não só, assenta-se em relatos de enfrentamentos bélicos, associados, no mais das vezes, à constituição dos povos e à institucionalização de grupos, de coletividades agregadas no fundo comum dos combates, da resistência a invasões, de ataques movidos pela ambição por novos territórios, e de lutas fratricidas ou motivadas pela manutenção do jugo a que outros povos foram submetidos.

As circunstâncias histórico-políticas, no final do século XIX e por todo o século XX ofereceram, à farta, material para o desenvolvimento dessa modalidade temática no plano discursivo literário. Para além das revoluções, das guerras civis, e das duas grandes guerras mundiais, viu-se uma resolução nunca pacífica nas territorialidades geopolíticas redesenhadas com o fim da era imperialista, e que fizeram emergir nacionalidades independentes antes vistas como anexações, extensões ultramarinas, colônias enfim.

Para que o campo expressivo literário se ocupasse tão intensamente do mote **conflitos armados**, no século XX, acresce-se uma razão provinda do campo hermenêutico, mencionada por Luigi Bonanate, e deflagrada pelos acontecimentos histórico-políticos mais veementes (nomeadamente a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais, 1914-1918 e 1939-1945, respectivamente): “o abismo que se vai abrindo entre as duas moralidades da guerra - uma de exaltação e outra de condenação”.³ Abaladas as mais profundas convicções desenvolvimentistas e civilizatórias, a chamada literatura de guerra passou a dar vazão ao descrédito relativo às motivações dos embates, ao sem-sentido da destruição de vidas e patrimônio e, mais que tudo, empenhou-se em demarcar o território virtual onde aqueles que já não podem dizer são ditos pela palavra. Avolumam-se os testemunhos e os registros da experimentação da guerra, afirmando individualidades que se sobressaem aos destinos comuns, e revelando a consciência de um compromisso para sempre

¹ Miriam Denise KELM, Profa. Dra. da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé/RS.

² Berthold Zilly proferiu palestra durante o IV Fórum de Literatura Brasileira, promovido pela UFRGS, em agosto de 2002, no Instituto Goethe, Porto Alegre/RS, que teve como texto-alvo das discussões e trabalhos a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Zilly é responsável pela sua tradução em língua alemã.

³ BONANATE, Luigi. *A guerra*. Trad. Maria Tereza Buonafina e Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 160.

assumido por aqueles que sobreviveram: contar, rememorar, confirmar, reapresentar para refletir e compreender, reapresentar para não repetir

Junto à abordagem do tema **guerra**, pela literatura, procuramos articular a atividade autoral feminina voltada para esse aspecto, crescente quantitativa e qualitativamente no último século. É fácil constatar que a ficção de autoria feminina, nessa área específica, é substancialmente menor, e diminuta no passado, mas adquire expressividade no século XX.

Passados vinte e cinco anos do término das guerras coloniais travadas por Portugal em três frentes: Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, no período que vai de 1961 a 1974, de 2000 em diante a disposição para tratar do tema aumentou perceptivelmente. Ao longo do período, o silêncio foi quase só rompido pela produção ficcional ou por alguns relatos biográficos que estiveram à frente, inclusive, de uma historiografia apropriada do conflito. Entre as causas consensuais para essa retomada, estão o tempo decorrido (que ajudou a sopesar a experiência traumática) e o questionamento da identidade nacional, que de lá para cá tornou-se interrogação permanente, cujas respostas podem dizer dos lugares uma vez ocupados, e por ocupar, no âmbito das relações entre os países envolvidos. Há ainda outro motivo ligado àquilo que interessa a todos os portugueses e africanos nesse momento: o modo como resguardar-se-á uma memória compromissada com a diversidade participativa e com as posições político-ideológicas então assumidas, e suas conseqüências. Uma memória que acolha, também, os dramas humanos, vividos por homens e mulheres, que teimam em aflorar em todos os depoimentos narrados, ouvidos e partilhados pela sociedade afora

O plano simbólico-literário, já desde meados dos anos setenta, tem ocupado o espaço que a História contemporânea tenta preencher, uma vez que, sobretudo os romances estiveram aliados ao elemento histórico (referimo-nos à guerra colonial e suas circunstâncias), trabalharam intensamente o fator humano, sempre com olhos na experiência do indivíduo, e permitiram que uma gama de posições diversas e participação diferenciada, junto ao evento bélico, pudesse encontrar canais de expressão. Ainda, como em sua maioria foram escritos por homens e algumas mulheres que viveram e/ou participaram *in loquo* da guerra colonial, e que posteriormente se consagraram como ficcionistas, não podemos esquecer do conteúdo testemunhal a eles imanente; logo, também eles testificam o acontecimento. Exemplarmente, os romances de autoria feminina sobre o tema, em nosso entender, acrescentam componentes à construção de uma memória para esse tempo da guerra portuguesa na África

Uma visada sobre o modo como a produção ficcional gerada pelas guerras coloniais portuguesas tem sido vista e analisada, hoje, demonstra não só pontos de concordância, mas o encaminhamento de múltiplas possibilidades de pesquisa e enfoques ainda por desenvolver, principalmente em áreas interdisciplinares, das quais a História e a Literatura são as mais visíveis. A par da necessidade pressentida e confirmada de constituir um relato histórico suficiente para a complexidade inerente às guerras coloniais, cada vez mais se admite a inevitável vinculação do discurso historiográfico com a diversidade das formas literárias e, no entender dos historiadores José Pedro Paiva e Amadeu Carvalho Homem,

é possível encarar os escritores-literatos como agentes históricos qualificados, no duplo sentido de relectores concretos daquelas especificidades temporais que lhes modelaram as obras e também no de proponentes daqueles postulados literários assimilados pelas formas de sentir e pelos meios de agir dos grupos constitutivos da colectividade. (PAIVA e HOMEM, 2000. p. 08)

Voltando às relações inter-sistêmicas entre fatos históricos, tempo decorrido e prática literária, lembramos que a maior parte das obras veio a público nas décadas de 1970/1980, que os escritores foram adquirindo maturidade em seu próprio ofício e de que a temática da guerra foi um dos motes, mas não o único na carreira literária, como é o caso de Lobo Antunes, João de Melo, José Martins

Garcia, Lília Jorge, Teolinda Gersão, Manuel Alegre, Álamo Oliveira e Álvaro Guerra, só para citar alguns exemplos. Sendo parte integrante da Geração de Abril, esses ficcionistas assumiram o ato de escrever sobre o tema das guerras coloniais como uma ação responsável do ponto de vista cultural, cívico e ético e, de fato, alcançaram níveis de criação literária excepcionais. Lília Jorge sintetiza a atuação do escritor como meio (e ato deliberado) de “inscrever-se numa coletividade, além de escrever, por excelência”⁴.

É justamente como um ato de profundo sentido político que entendemos a ficção de autoria feminina portuguesa sobre o tema – exígua, é verdade –, mas com um grande potencial proponente de uma participação bastante diferenciada do feminino em relação às circunstâncias de uma guerra, dada a posição marginal da mulher em relação ao evento. Talvez por isso mesmo, ela seja portadora de outras tantas possibilidades com que se possa compreender as injunções humanas, ideológicas e factuais em interação radical, e única, no contexto das guerras coloniais travadas entre portugueses e africanos. O acobertamento e o silêncio que se seguiram ao final da guerra colonial, só quebrados nos últimos anos pela mudança de disposição da comunidade portuguesa em debater o assunto, e da qual tivemos inúmeros exemplos, fora rompido pela produção ficcional surgida entre 1970 e 1980, fundamentalmente. Estão lá todas aquelas faces da guerra colonial e outras tantas. Nela, vê-se uma antecipação extensiva à própria historiografia do evento, fragmentária até aqui, que começa a ser pensada, de fato, como viável a partir dos elementos, pesquisas e estudos emergentes. O fator autobiográfico, inerente à maior parte dos romances representativos, traz para o cerne dos estudos literários a complexa dialética entre experiência e representação, os compromissos éticos e estéticos em jogo, e as intercambiantes relações entre História e ficção.⁵

Em meio à extensa lista de textos ficcionais que evocam as guerras coloniais portuguesas, os romances de autoria feminina dão notícias do processo violento que incide sobre militares e civis, colocando a figura feminina como porta-voz, e centro, desta experiência. A produção abarca um largo espectro de experimentações diversas que vão desde o modo como as mulheres sentiram e observaram os efeitos da guerra que ocorria no além-mar português, até aquelas que, acompanhando os maridos nas comissões na África, ou já estando lá, se viram na peculiar situação de ficarem muito próximas dos conflitos, numa função prevista como de apoio à retaguarda da guerra, e que oportunizou um contato de todo diferenciado com este cenário.

No resgate de tópicos relacionados à vivência da guerra colonial pelas mulheres, segundo sua percepção e através de sua escrita literária, deparamo-nos com um dado comum às narrativas: a vida civil ganha representação e a guerra chega através de suas ressonâncias, através dos efeitos que atingirão, em primeiro lugar, o âmbito privado. Quase sempre, só então se inicia um processo de conscientização política da mulher quanto ao contexto maior em que está inserida. Com dolorosa ironia, já Virginia Woolf se interrogara se, afinal, não se deveria agradecer à guerra por retirar a parcela de ilusões em relação a nós mesmos e à humanidade como um todo.

Encontramos textos em que a guerra colonial não é o mote principal, mas os seus efeitos serão determinantes para as personagens. Em Eduarda Dionísio e Teolinda Gersão, destacamos as grandes rupturas pessoais, destruidoras do que a mulher constrói com seu afeto e com o seu corpo. Fala-se da **incomunicabilidade** entre os seres após a experimentação da guerra, para a qual colabora o distanciamento entre a vida metropolitana e os acontecimentos na África; do modo como o **luto** – o

⁴ 6º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Rio de Janeiro, agosto de 1999, UFRJ, conf. nossas anotações.

⁵ Roberto Vecchi lembra que entre *factum* e *factum* há sempre uma relação perturbada e complexa; que deve-se levar em conta que o “testemunho é um acto de autor”, pois que o escritor empresta a sua palavra como resto que fica da possibilidade ou impossibilidade de falar (da experiência); sobre a funcionalidade ontológica da escrita, reconhece a presença do “trabalho melancólico”, ou seja, a tentativa de, pelo *logos*, suturar a perda de um objeto passado. VECCHI, Roberto. “Experiência e representação: dois paradigmas para um cânone literário da Guerra Colonial”. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE A GUERRA COLONIAL, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000. Livro de Actas. TEIXEIRA, Rui de Azevedo. (Org.). *A guerra colonial: realidade e ficção*. Lisboa: Notícias, 2001. p. 389-399.

maior dos danos – é vivido pelas mulheres e do fato de que esta experiência irreversível acaba se tornando motivo do questionamento sobre o **papel feminino** nas grandes decisões histórico-políticas. Pela via literária, emerge uma constatação crucial: a mulher portuguesa é, por variadas maneiras, co-responsável pela partida dos homens (via expansão marítima, guerra, exílio). As perdas pessoais, provocadas pela guerra, solicitarão da mulher um posicionamento político.

E há os romances que possuem um forte componente biográfico e que resultam da inusitada e transitória presença feminina no território africano. Lídia Jorge assegura um lugar para os acontecimentos traumáticos - a **memória** - onde possam ser revisitados, mostra como a guerra faz trepidar os alicerces da **identidade pessoal**, a ponto dos seres não mais se reconhecerem mutuamente, e como ela, a guerra colonial, foi a grande responsável por fazer desmoronar a **identidade nacional** portuguesa (também a identidade do regime salazarista). É através de Lídia Jorge, também, que o **heroísmo**, ou o que pudesse dele restar no cenário da guerra colonial, é desmantelado pela ironia. Joana Ruas traz mulheres, de variadas procedências, dá-lhes **visibilidade** dentro do espaço em que a guerra se circunscreve e atribui-lhes papéis desestabilizadores da ordem social. Em seus textos, fica patente que o deslocamento da mulher portuguesa (da metrópole para as colônias) foi aproveitado por muitas delas como forma de aprendizado das múltiplas relações e câmbios possíveis a partir de **culturas que se sobrepõem**. Em Wanda Ramos, o estigma colonial carregado pelos colonos portugueses que “adotaram” a África (e os africanos) como seus, literalmente, torna-se conhecido por dentro, assim como ter-se-á uma visão feminina do microespaço militar e das relações humanas (interrogadas ou recolocadas) pela **singularidade espacial**. As vivências subjetivas da guerra e da África, como mostra Ramos, ficam atreladas a uma **temporalidade** inapagável e imprevisível em seus retornos.

Para todas as protagonistas dessas autoras, que vêm, em primeiro lugar, os investimentos amorosos e afetivos transformados pela guerra, saindo do âmbito privado reconhecerão que ela é mais um dos atos arbitrários do regime salazarista, perceberão que o colonialismo português é insustentável e se depararão com o fato de que as relações homem-mulher reproduzem, e muito, o molde autoritário, desigual e opressivo encontrado na vida política do país, naquele momento.

Lembrando da camisa de força em que se constituiu o programa estado-novista relativo às funções e *status quo* da mulher portuguesa, percebe-se que a guerra colonial, contraditoriamente, pôs em maior evidência o descompasso entre lei e realidade vivida. Atingida pelo luto, instada a exercer atividades laborais fora do âmbito doméstico, perturbada pelo fracasso do casamento, convidada a assumir as funções de acompanhante na cena da guerra, proibida de se locomover no espaço africano, tudo, enfim, cooperou para que, também a mulher voltasse outra depois destas experimentações. A literatura de autoria feminina, sobre esse período, sinaliza o processo em curso sem volta para o ponto de partida. Mensurar o poder de criticidade de textos literários em relação à guerra colonial e suas circunstâncias, quando um dos critérios é o sexo dos autores, é tarefa improvável. No entanto, o que a autoria feminina faz, neste sentido, é criticar as estruturas de poder (que também a oprimem) com pertinência e agudeza aprendidas, primeiramente, no embate das relações privadas, que é por onde se dá, verdadeiramente, a iniciação política da mulher. Como a guerra transtorna inteiramente este âmbito, criam-se possibilidades diversas (e de grande propriedade crítica) de tratar, por exemplo, do alcance dos enfrentamentos coletivos no plano individual. Quanto ao deslocamento da mulher, associado ao desconhecimento técnico, estratégico, enfim do código da vida militar e das ações belicistas, contrapomos um deslocamento positivado na forma de um olhar não comprometido pela fixidez dessas orientações e de outras, como a que pauta o sistema colonialista, por exemplo.

Se aceitarmos que, no trágico moderno a realidade histórica vai substituindo o mito, como levanta Roberto Vecchi,⁶ podemos dizer que as mulheres míticas dos tempos de guerra foram substituídas por mulheres com corpos, com pensamentos e poder crítico, com domínio de linguagens, entre elas a escrita, e com ações efetivas que as integram no processo histórico, de que a guerra colonial portuguesa foi um exemplo. Na representação ficcional de toda e qualquer guerra ou situação que lhe diga respeito, intermediada pela autoria feminina, reconhecemos uma reparação (dada a invisibilidade histórica e social da mulher), e um ato que amplia a compreensão do modo diferente pelo qual as mulheres vivem e são tocadas pelos eventos bélicos.

Relativamente ao modo como a guerra colonial se apresenta, hoje, no contexto português, a literatura de autoria feminina que recupera alguns de seus aspectos compõe, com sua parcela, esse conjunto de textos que é único na história literária portuguesa, apresenta-se com um potencial enorme para que se estabeleçam inter-relações as mais diversas, enriquece as falas subordinadas ao silêncio até há pouco e complementa, com o seu traço incisivamente humano, o que ainda resta por compreender desse evento trágico. História e produção ficcional, no caso português, se entrelaçam inteira e assumidamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus de estudo

- [1] DIONÍSIO, Eduarda. *Retrato dum amigo enquanto falo*. 3.ed. Lisboa: Quimera, 1988.
- [2] GERSÃO, Teolinda. *Paisagem com mulher e mar ao fundo*. Lisboa: O Jornal, 1982.
- [3] JORGE, Lídia. *A costa dos murmúrios*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- [4] RAMOS, Wanda. *Percursos (do Luachimo ao Luena)*. Lisboa: Presença, 1981.
- [5] RUAS, Joana. *Corpo colonial*. Lisboa: Centelha, 1981.
- [6] _____. *A pele dos séculos*. Lisboa: Caminho, 2001.

Demais textos

- [7] BONANATE, Luigi. A guerra. Trad. Maria Tereza Buonafina e Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- [8] GORJÃO, Vanda. Mulheres em tempos sombrios. Oposição feminina ao Estado Novo. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Univ. Lisboa, 2002 (Col. Estudos e Investigações – 24).
- [9] MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O sexo dos textos. Lisboa: Caminho, 1995.
- [10] MOURA, Tatiana G. Entre Atenas e Esparta. Mulheres, paz e conflitos armados. Coimbra: Quarteto, 2005.
- [11] PAIVA, José P.e HOMEM, Amadeu C. Nota de Apresentação. In: Revista de História das Idéias. História e Literatura, v. 21, 2000, Coimbra. (Inst. História e Teoria das Ideias da Fac. Letras de Coimbra).
- [12] REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. (Org.) O despertar de Eva. Gênero e identidade na ficção de língua portuguesa. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

⁶ VECCHI, Roberto. Incoincidências de autoras: fragmentos de um discurso não só amoroso na literatura da Guerra Colonial. In: As mulheres e a Guerra Colonial. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 68, p. 85-100, abr. 2004.

- [13] RIBEIRO, Margarida Calafate. Uma história de regressos. Império, guerra colonial e pós-colonialismo. Porto: Afrontamento, 2004.
- [14] _____. África no feminino: as mulheres portuguesas e a Guerra Colonial. In: As mulheres e a guerra colonial. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 68, p. 7-29, abr. 2004.
- [15] TEIXEIRA, Rui de Azevedo. A guerra colonial e o romance português. Agonia e catarse. Lisboa: Notícias, 1998.

Atas

- [16] I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE A GUERRA COLONIAL, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000. Livro de Actas. TEIXEIRA, Rui de Azevedo (Org.). A guerra colonial: realidade e ficção. Lisboa: Notícias, 2001.
- [17] II CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE A GUERRA COLONIAL, Seixal, 2001. Livro de Actas. TEIXEIRA, Rui de Azevedo (Org.). A guerra do ultramar: realidade e ficção. Lisboa: Notícias, 2002.

Outras fontes

- [18] <http://jornal.publico.pt/publico/2004/07/03/MilFolhas/TLENT01.html> (Entrevista com Margarida Calafate Ribeiro: “Com a guerra houve a supressão do humano”).